

BRASIL - PORTUGAL

1 DE OUTUBRO DE 1908

N.º 233

DIRECTOR — Augusto de Castilho.
PROPRIETARIOS — Victor & Lorjé.
ADMINISTRAÇÃO — C. do Sacramento, 14.
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — «A Editora», L. do Conde Barão, 50 — Lisboa.

Centenario da Guerra Peninsular

Festa commemorativa da restauração do governo nacional em Lisboa



El-Rei o Senhor D. Manuel dirigindo-se pela estrada de Entre Campos para a Avenida Bessano Garcia
(Cliché c.º A. C. Lima).

Centenario da Guerra Peninsular

Festa commemorativa da restauração do governo nacional em Lisboa

Em seguida á batalha do Vimeiro, em que o exercito francez foi derrotado, como já descrevemos n'um dos numeros anteriores d'esta Revista, Junot, vendo que não podia por mais tempo sustentar-se em Portugal, encarregou um dos seus generaes de entrar em negociações com os inglezes.

2.º Que o governo inglez lhes forneceria os respectivos navios para o embarque das suas tropas, ficando os doentes ao cuidado do governo britannico, cuja despesa seria embolsada pelo governo da França;

3.º Que, enquanto o exercito francez não effectuasse o embarque se concentraria em Lisboa e em duas leguas á roda, e o inglez se approximaria tres leguas;

4.º Que as fortalezas de S. Julião, Bugio e Cascaes seriam occupadas pelas forças britannicas logo que fosse rectificada esta convenção;

5.º Que as praças de Elvas e Almeida e o forte de Palmella seriam entregues logo que os inglezes podessem occupal-as.

6.º Finalmente, que aos generaes francezes seria permitido levar os seus haveres.

Centenario da Guerra Peninsular

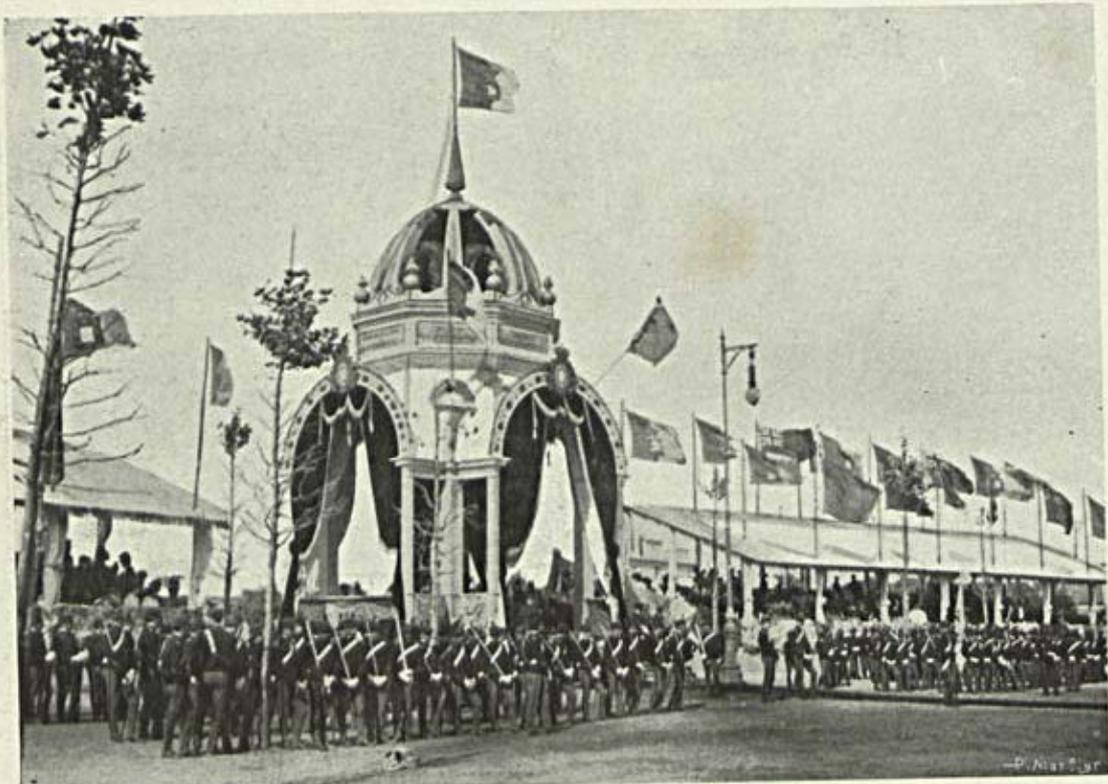


No Caes do Sodré. — Embarque de Junot e das suas tropas no dia 15 de setembro de 1808

D'aquí resultou a tão discutida *Convenção de Cintra* na qual se estipulava o seguinte:

1.º Que os francezes evacuassem Portugal com armas, bagagens, artilharia de calibre francez, petrechos de guerra e propriedades do exercito;

Esta convenção foi muito mal recebida tanto aqui como na Inglaterra, onde nunca se perdoou ao general Dalrymple a sua falta de tacto e energia por não saber tirar todo o partido a que dava direito a victoria obtida pelo exercito anglo-luso na batalha do Vimeiro. Os generaes portuguezes, e em especial Bernardim Freire de An-



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA
Aspecto geral dos pavilhões. — Os alumnos da Escola do Exercito fazendo a guarda de honra
(Cliché de A. C. Lima).



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA
El-Rei, o Senhor Infante D. Affonso, o sr. ministro da guerra e o estado maior, chegando ao Campo Grande
 (Cliché do ex.^{mo} sr. capitão Correia dos Santos).

drada, justamente indignados por não terem sido ouvidos e porque viam que os francezes retiravam com armas e bagagens e até com o fructo das suas rapinas, lavraram o seu protesto em termos energicos.

Evidentemente má, a Convenção de Cintra estipulava em todo o caso que Junot e os seus soldados tinham que abandonar o territorio portuguez no mais curto praso de tempo. Não satisfazendo por completo o patriotismo da nação nem o odio que os portuguezes votavam aos seus invasores constituia, em todo o caso, motivo bastante para jubilos para quem durante tanto tempo tinha gemido debaixo do jugo da tyrannia napoleonica.

Foi assim que, do dia 10 ao dia 15 de setembro de 1808, o povo da capital presenciou com alegria o embarque dos soldados francezes para bordo dos navios britannicos. No dia 15 o general Junot, a sua comitiva, empregados, etc., embarcavam na fragata *The nymph* que os havia de conduzir ao porto de La Rochelle.

Logo que os francezes sahiram do Tejo foi a bandeira ingleza arvorada em todas as fortalezas e pouco depois substituída pela portugueza.

Dias depois era reinstallada em Lisboa a antiga regencia nomeada por D. João VI, sendo apenas excluidos do governo os membros que tinham servido com os francezes ou que os tinham patrocinado.



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA
 (Cliché de A. C. Lima). *No Campo Grande. — Uma grande manifestação a El-Rei*



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA
*El-Rei o Senhor D. Manuel, Sua Alteza o Senhor Infante D. Affonso
 e o sr. presidente do conselho, dirigindo-se para o local do monumento aos heroes da Guerra Peninsular*

O dia 15 de setembro de 1908 foi portanto escolhido para comemorar o centenario da restauração do governo nacional em Lisboa e a libertação do territorio portuguez que, durante quasi um anno,

O desfile das tropas pela Avenida abaixo produziu a melhor impressão e apresentava um aspecto lindissimo e soberbo.

As espingardas, as lanças e as espadas, brilhando ao sol que começava a declinar, os penachos enchendo de encarnado uma enorme extensão, o tropel dos cavallos, o ruido da artilharia, aqui os acor-



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA
*El-Rei, o sr. general Rodrigues da Costa, ministerio, etc.,
 no acto do lançamento da primeira pedra do monumento aos heroes da Guerra Peninsular
 (Cliché de A. C. Lima).*

tinha estado entregue ao despotismo, á crueldade e á rapina dos seus inimigos.

A commemoração, que constou do lançamento da primeira pedra do monumento aos heroes da Guerra Peninsular e d'uma parada militar, decorreu brilhantissima.

des das bandas, mais além o som das cornetas e tambores, as saudações ás bandeiras e as aclamações aos soldados que marchavam na melhor disposição e com a maior galhardia, tudo isto constituiu um espectáculo inolvidavel que o povo da capital presenciou sentindo o entusiasmo e o jubilo dos grandes dias festivos.

A proposito do centenário da Guerra Peninsular. — Um hymno portuguez do seculo XVII e o hymno patriótico de Marcos Portugal. — Uma carta interessantíssima,

O sr. major Santos Ferreira enviou ás *Novidades* a seguinte carta:

« . . . Sr. Director das *Novidades* — O antigo hymno portuguez cuja letra se perdeu, e ao qual alguns jornaes se referiram no extracto, que fizeram, da conferencia por mim realisada em 15 do corrente, nada tem

umas vezes com o titulo *Adeste, fideles*, outras com o de *Chantons victoire*. Em Inglaterra e nos Estados Unidos, onde é geralmente conhecida, conserva o titulo primitivo de *Hymno portuguez*; e julga-se n'esses paizes que elle é ainda actualmente o cantico nacional, por excellencia, do nosso povo.

Em Portugal, só de alguns, que a estas cousas antigas de dedicam com profundo amor, é conhecido. Entre esses estudiosos investigadores posso citar os ex.^{mos} srs. Carlos de Mello, dr. Thomaz Breyner e Alberto Pimentel, bem assim a illustrada redacção da *Arte musical*, como dos que mais patrioticamente teem contribuido para que se não



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA
El-Rei passando revista ás tropas

de commum com o hymno de Marcos Portugal, como se afigurou ao auctor do artigo que as *Novidades* publicaram hontem á noite a este respeito.

O hymno a que eu me referi, e que o auctor do artigo parece desconhecer, já existia no seculo XVII, e popularisou-se em Inglaterra quando Carlos II casou com D. Catharina de Bragança, tendo sido provavelmente composto para celebrar a restauração da nossa independencia e as victorias militares que a confirmaram. Tem, portanto, historia bem mais gloriosa que o chamado hymno patrotico de 1810.

Como composição musical, apesar de muito simples e pouco extenso, (o que aliás são qualidades apreciaveis n'um cantico popular) é

perca a memoria da interessante melodia, como infelizmente se perdeu a letra para que foi escripta.

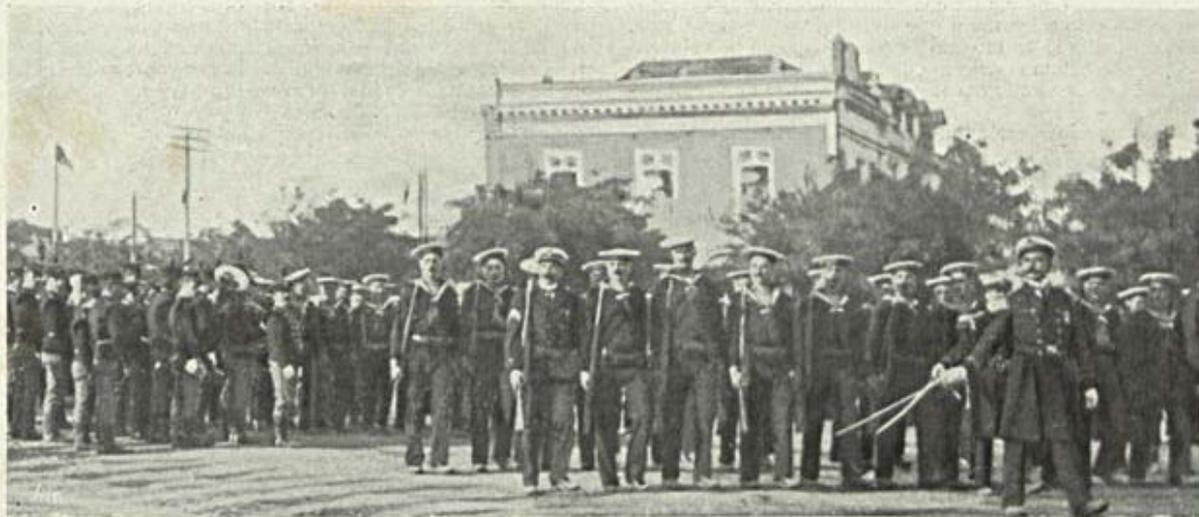
Ouso rogar a v. o favor de dar publicidade a esta carta, para que não fique impendendo sobre os jornaes que se referiram á minha conferencia, a suspeita de desconhecerem a letra do hymno de Marcos Portugal, de triste recordação.

Com a mais respeitosa consideração

De v., etc.

G. L. Santos Ferreira

Setembro, 19-9-908.»



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA
O desfile das tropas. — A marinha
(Clichés de A. C. Lima).

melodia muito notavel; e tanto, que o celebre organista de Westminster, John Reading, a transcreveu, ainda ao tempo em que D. Catharina vivia em Londres, adaptando-a ao hymno lithurgico *Adeste, fideles*. E tambem Hendel a introduziu na sua oratoria *Judas Maccabeu*, para caracterisar um facto da historia da Judéa, analogo ao da nossa restauração.

Além d'isso a velha melodia portugueza anda transcripta em obras de outros grandes mestres, como exemplo de uma feliz composição:

Veio esta carta a proposito d'uma conferencia que o sr. major Santos Ferreira, bibliothecario do ministerio da guerra, realisou na sede da União Christã da Mocidade, commemorando o centenário da Guerra Peninsular.

N'essa conferencia o sr. Santos Ferreira, entre outros assumptos, referiu-se ao antigo hymno portuguez e ao facto de se haver perdido a respectiva letra.

Por este motivo apresentou a seguinte, de um novel poeta,



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA
O desfilar das tropas. — Os cyclistas de caçadores

a qual foi cantada com a musica do antigo hymno pela numerosa assistencia;

Saudemos a terra, que foi berço nosso,
Com justo alvoroço, com lédas canções,
Que á mente nos trazem triumphos e glorias
Das aureas memorias do grande Camões.

Saudemos progressos do estudo e trabalho,
— Da penna e do malho conquistas de paz —
Dos quaes reverbêra doutrina sublime,
Que escravos redime quando erros desfaz.

Saudemos o esforço do anonymo obreiro,
Lançando ao nateiro sementes de Luz,
Que a mése dourada, d'idade em idade,
De Amor, de Verdade, nos fructos traduz.

Saudemos as chuvas fecundas, de benção,
Que em Pão se condensam na seára ideal!
E livres votando, dos livres no fóro,
Brademos em côro: — Viva Portugal!

Alguns jornaes, dando noticia da conferencia do sr. major Santos Ferreira e desconhecendo o hymno a que se referiu o illustre militar, parece que julgaram que se tratava do hymno composto por Marcos Portugal, que, se não estamos em erro, as tropas portuguezas tocaram por occasião da sua entrada em Lisboa ao voltarem das campanhas da peninsula.

D'aqui resultou a curiosa carta que acima transcrevemos.

O general Bernardim Freire

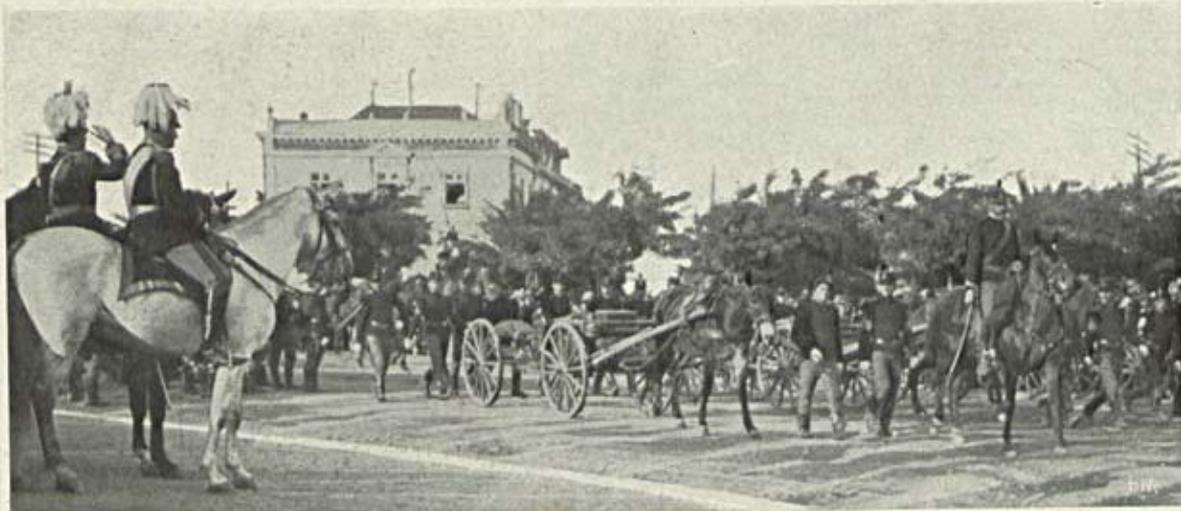
A dar importancia ao conceito de alguns escriptores militares, a acção dos generaes portuguezes na guerra da peninsula foi meramente secundaria.

Não causa estranhese uma tal asserção, porque de certo não poderia exercer uma influencia preponderante nos factos politico-militares do nosso paiz quem systematicamente era arredado do primeiro plano para dar logar aos generaes inglezes; quem era amesquinhado ou deixado propositadamente na penumbra para que a luz viva e intensa que irradiava dos altos feitos militares se projectasse exclusivamente sobre os altivos officiaes que a Grã-Bretanha nos mandara.

As amplas attribuições conferidas ao general inglez William Carr Beresford, nomeado commandante em chefe do exercito portuguez com a patente de marechal, por decreto de 9 de março de 1809, as larguissimas prerogativas e os poderes discricionarios que lhe foram dados não eram, certamente, de molde a deixar florescer o talento dos officiaes portuguezes, embora elle se revelasse com frequencia em actos de guerra brilhantes, que deixavam a perder de vista outros feitos de officiaes inglezes, propositadamente engrandecidos e apreciados sob o parcialismo prisma do exaggero, para se fazer jus á promoção accelerada com que foram galardoados os serviços por elles prestados.

Reforçamos esta opinião com o testemunho insuspeito de um distincto official portuguez, Celestino Soares, que, como capitão de infantaria 10, acompanhou o exercito alliado até Toulouse.

Este official, que ha quarenta annos illustrava ainda as paginas da *Revista Militar* com apreciados artigos sobre casos da guerra peninsular, refere que os officiaes inglezes procuravam todos os meios de se dar importancia e de crear reputação, sendo frequente, quando havia probabilidade de encontro com o inimigo, o constituirem-se com o caracter provisório pequenos corpos, cujo commando se con-



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA
O desfilar das tropas. — As metralhadoras de caçadores passando em frente de Et-Réi
(Clichés de A. C. Lima).



Centenario da Guerra Peninsular. — FESTA COMMEMORATIVA DA RESTAURAÇÃO DO GOVERNO NACIONAL EM LISBOA

O desfile das tropas. — Os lanceiros passando em continência deante de El-Rei

(Cliché de A. C. Lima).

fiava aos officiaes, que se pretendia fazer ascender aos postos superiores.

Facil é inferir que n'estas circumstancias os officiaes portuguezes ficavam em condições desiguales, bastante desfavoraveis relativamente ás dos inglezes, sempre bafejados e favorecidos na sua carreira militar.

Se algum protesto bem fundamentado sahia de peitos portuguezes era desde logo abafado, reprimido com rigor; e só quando factos bem palpaveis se produziam em toda a sua luz brilhante a favor de

homens, que, sob o commando do general Bernardim Freire, deviam cooperar com os inglezes na expulsão do exercito francez.

Ao terminar o desembarque dos inglezes realisou-se a primeira conferencia entre os dois generaes em Montemor-o-Velho, resolvendo-se a marcha immediata dos dois exercitos em direcção a Leiria.

N'esta cidade surgiram dissentimentos quanto ao plano de operações. Ao passo que Wellesley ansioso de alcançar sobre os francezes uma victoria assignalada, que firmasse os seus credits perante o governo de Londres antes do desembarque do general Dalrymple, a quem devia entregar o commando, — entendia dever avançar sem perda de tempo pela estrada Leiria — Obidos — Torres Vedras, no intuito de cortar os francezes de Lisboa, sua base de operações, Bernardim Freire sustentou não dever avançar de Leiria para Lisboa, enquanto houvesse forças francezas no seu lado esquerdo, informando, como estava, de que Junot realisava grandes aprovisionamentos em Santarem e Abrantes, no presumivel intuito de preparar a sua retirada pelo valle do Tejo em direcção a Almeida ou a Elvas, segundo as circumstancias.

D'essa divergencia de opiniões resultou que Bernardim Freire com o nucleo principal das tropas portuguezas continuou em Leiria, cedendo, no entanto, um contingente de 2:600 homens, pedido por Wellesley.

Este avançou logo na direcção de Torres Vedras, travando-se dias depois o combate da Roliça e a batalha do Vimieiro.

Do exposto depreheende-se que o general Bernardim Freire não era de molde a submeter-se passivamente á direcção do general inglez.

Que eram racionais e acertadas as suas previsões no tocante á pretendida retirada dos francezes pelo valle do Tejo provou-o pouco depois um documento interceptado ao inimigo com data de 26 de junho, onde se expendia esse projecto de retirada.

Os acontecimentos precipitaram-se levando rumo diverso, mas não é difficil comprehender que estando a divisão Loison em Abrantes e operando os inglezes proximo do littoral apoiados na sua es-

Visita dos medicos allemães a Lisboa



Os excursionistas desembarcando

officiaes portuguezes, é que a recompensa apparecia, porque o proprio decoro do commando não permitiria que a justiça em taes casos, se postergasse, sem vibrar um grande golpe na disciplina.

Se um ou outro official dotado de animo forte, de altivez natural e de temperamento insubmisso actuava com toda a iniciativa e independencia, como o fazia o general Silveira, é que a sua elevada patente, o seu prestigio e o apoio do principe regente não permitiam ao rigido disciplinador inglez uma repressão ruidosa, como era proprio do seu feitiço.

No entanto, a sua má vontade com Silveira foi manifesta, especialmente depois dos successos da ponte de Amarante, em que este general se cobriu de gloria.

Os portuguezes, como os hespanhoes, não soffriam de bom grado os modos auctoritarios e todas as manifestações de superioridade que eram peculiares aos officiaes inglezes.

D'ahi os dissentimentos e as desintelligencias que por vezes se manifestaram nas grandes, como nas pequenas operações de guerra, quando portuguezes e inglezes concorriam em serviço.

Esses dissentimentos principiaram em 1808 entre Wellesley e o general Bernardim Freire.

A junta do Porto, com quem Wellesley fôra conferenciar antes do seu desembarque em Lavos, fizera concentrar em Coimbra 7:600



Visita dos medicos allemães a Lisboa

Os trens descendo a rua da Alegria conduzindo os 341 medicos que visitaram a capital

(Cliché de A. C. Lima).

quadra, seria naturalissima a retirada do exercito francez pelo valle do Tejo sobre a Hespanha.

O temperamento fogoso de Junot marchando ao encontro dos inglezes fez gorar, porém, as previsões de Bernardim Freire.

Decorridos alguns mezes foi este general encarregado por aviso regio de 24 de janeiro de 1809 do commando de todas as forças da provincia e do partido do Porto, que podesse empregar activamente



Visita dos medicos allemães a bisboia
Na cerca do Hospital do Rego.

na occupação de posições proprias para a defeza da provincia do Minho, vigiando a passagem para Traz-ós-Montes, tendo sempre em vista *cobrir e defender a cidade do Porto*.

Era ardua e verdadeiramente difficil esta missão, attenta a delicia de recursos de toda a ordem na perspectiva de uma invasão pela fronteira da Galliza, onde operavam os marechaes Soult e Ney, mas o animoso, o patriótico general procurou desde logo adoptar as disposições mais conducentes a uma efficaç defeza da parte do paiz confiado á sua vigilancia e entregando provisoriamente o governo militar do Porto ao general Parreira no dia 31 de janeiro, dirigiu-se a Braga, onde preparou a defeza pelo habil aproveitamento de todos os recursos e por uma nova, mas judiciosa, disposição das tropas ás suas ordens.

Estabeleceu logo uma officina para o fabrico de bala miuda de todos os adarmes e do correspondente cartuchame.

Adoptadas estas providencias o general Bernardim Freire percorreu os pontos principaes da provincia do Minho, seguindo de



Visita dos medicos allemães a bisboia
Na varanda do Hospital do Rego.

(Cliché de A. C. Lima).

Vianna o littoral até Caminha e d'ahi á margem esquerda do rio Minho até Valença, onde haviam rebentado grandes tumultos populares, que a presença do general mal poude aplacar.

Esta inspecção rapida do terreno deixou logo no espirito culto de Bernardim Freire a impressão nitida do plano de defeza que convinha adoptar.

Guarnecer judiciosamente com as suas tropas a cordilheira de montes que se desenvolve entre Caminha, Villa Nova de Cerveira e

Valença era o que naturalmente estava indicado para a occupação militar da principal linha de defeza: o rio Minho.

Apoiando assim um flanco em Valença e outro no mar, a pequena força portugueza podia guardar a fronteira e evitar a passagem do rio pelo exercito francez do commando de Soult.

Foi este o plano rapidamente delineado no cerebro de Bernardim Freire.

Como diz Osório de Vasconcellos, o sabio general portuguez tinha aquelle relancear de olhos rapido e claro, que abrange com singular facilidade o ponto objectivo e os pontos principaes, bem como as posições indispensaveis para alcançar o fim proposto. Esta é a rara qualidade, que distingue os grandes estrategicos.

As forças á disposição de Bernardim Freire, reduziam-se n'este momento a um batalhão de infantaria n.º 21, na força de 684 homens, 600 praças dos regimentos de infantaria 6 e 18, mas sem os officiaes superiores, um batalhão de infantaria 9, 160 praças de artilharia 4 com 14 peças, 8 regimentos de milicianos, indisciplinaes, sem armas de guerra, á excepção do regimento de Villa do Conde, que tinha alguma firmeza e estava regularmente armado.

Mais tarde, a 23 de fevereiro, chegou a Braga o 2.º batalhão da Leal Legião, que havia sido demorado em Coimbra.

O general Bernardim não tinha ás suas ordens nenhum official de engenheiros, e, diz Soriano, se por qualquer incidente precisasse entregar o commando, o seu immediato, a quem em tal caso caberia lutar com o marechal Soult, seria o mais antigo coronel de milicias.

A tão mínguados e inefficazes recursos, faltava ainda acrescentar outro elemento de perturbação para estorvar as medidas adoptadas e as consequentes operações de guerra. Era essa turba-multa de ordenanças e guerrilhas, que os governadores do reino haviam mandado pegar em armas pelo decreto de 11 de dezembro de 1808, e que por toda a parte assopravam a revolta lançando suspeições sobre os officiaes portuguezes apodados de traidores.



Os medicos allemães em Cintra
Um grupo

A despeito de tantas difficuldades, Bernardim Freire desenvolveu uma energia e uma actividade dignas de melhor sorte.

Depois de convenientemente guarnecidas as posições escolhidas na margem esquerda do Rio Minho, que foi vigiado desde a Foz até Melgaço, o general estabeleceu-se em Ganfei, onde por uma carta interceptada ao inimigo teve conhecimento de que Soult projectava entrar no Porto, no dia 22 de fevereiro.

Na madrugada de 22, fizeram os francezes a primeira tentativa de passagem do rio Minho.

Uma flotilha de 25 barcos, commandada pelo general Thomières, dirigiu-se das proximidades de Guardia na margem hespanhola, para a praia de Camarido, junto a Caminha.

O fogo certo, feito por duas peças de artilharia e pelo batalhão de infantaria 21, fez frustrar a tentativa, conseguindo, todavia, desembarcar uns 40 francezes, que ficaram aprisionados.

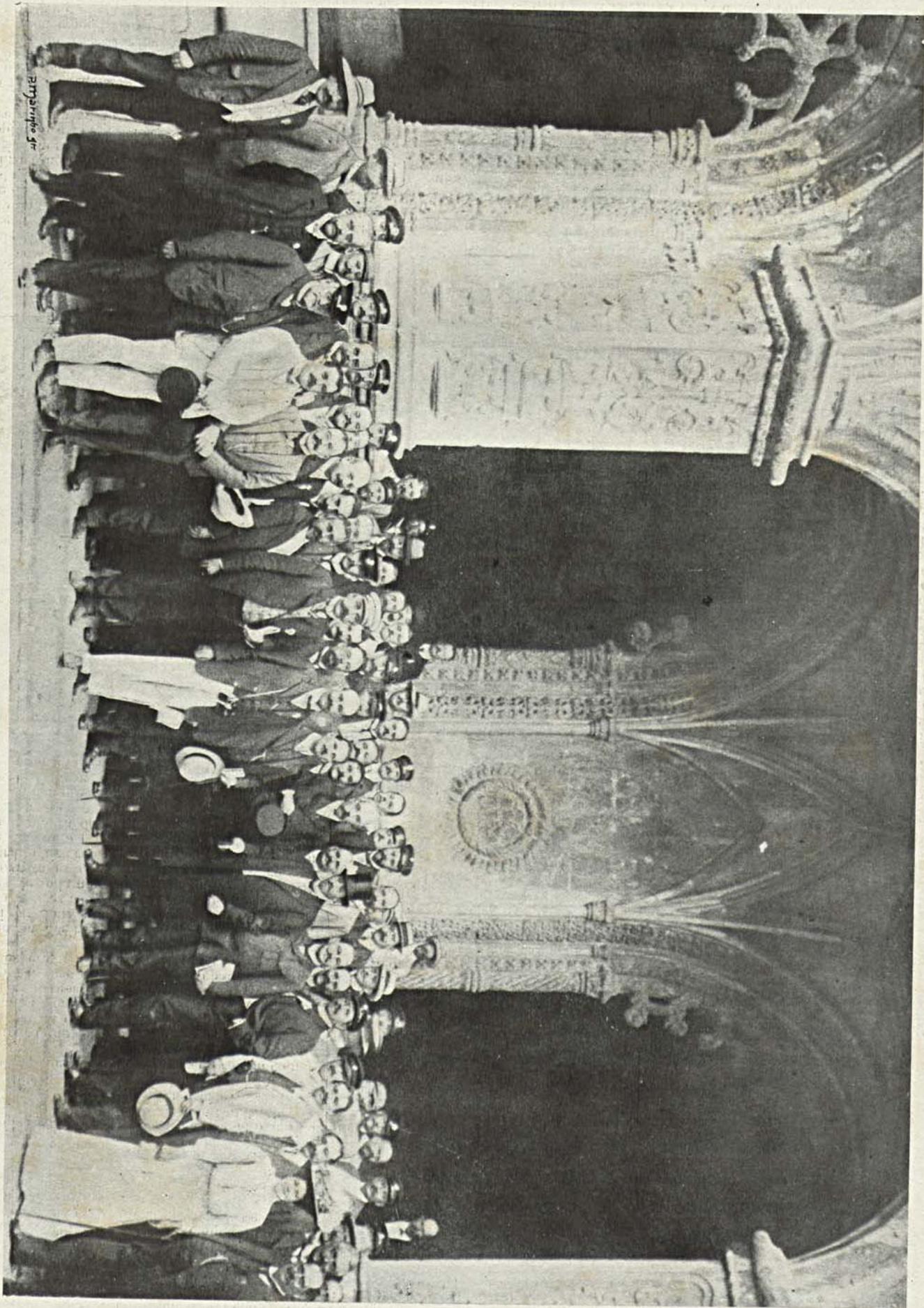
Outra tentativa de desembarque em Villa Nova de Cerveira, teve identico resultado.

Reconhecendo a improficuidade dos seus esforços para a passagem do rio, Soult resolveu mudar a sua linha de operações, retrocedendo para Orense, d'onde avançaria sobre Chaves.

Bernardim Freire fez observar os movimentos do exercito francez ao longo da raia e expediu emissarios activos e intelligentes para a Galliza, a fim de dar todo o incremento á insurreição, apoiada nas forças do marquez de la Romana e na legião lusitana que, sob o commando do barão Ebben, para alli fez convergir.

As providentes disposições adoptadas pelo general Bernardim e as judiciosas distribuições das forças na margem esquerda do rio fizeram transformar em completo insuccesso a operação tentada pelo general Soult.

A defeza do rio Minho, deu lugar a 6 promoções de officiaes por distincção. Por este facto se conclue que, nas regiões superiores se reconheceu a importancia dos serviços do general Freire na defeza do Minho.



Ernst Krieger

(Cliclé de Benoite).

VISTA DOS MEDICOS ALLEMAES A LISBOA. — Um grupo tirado nos claustros dos Jeronymos

A importancia dos serviços prestados por Bernardim Freire na defeza do Minho, resalta naturalmente de considerações de outra ordem, attinentes á situação especial dos exercitos belligerantes na parte oriental da península, em harmonia com as instrucções de Napoleão.

Segundo o plano de campanha concebido pelo imperador, Soult devia invadir Portugal pelo Norte, enquanto Ney se conservaria na Galliza assegurando-lhe as communicações e evitando a insurreição hespanhola nas provincias septentrionaes; Victor impelliria deante de si para as provincias do Sul os restos dos exercitos hespanhoes desbaratados, impedindo a sua reorganisação, e operaria depois no Alemtejo cooperando com Soult, se necessario fosse, na conquista de Lisboa; Lapisse, marchando de Salamanca sobre Abrantes, protegeria as operações de Soult, guardando-lhe o seu flanco esquerdo e estabelecendo a ligação de Victor com Soult.

As operações d'estes generaes na parte relativa á occupação de Portugal estavam mais ou menos subordinadas ao movimento de Soult, todas se deviam conjugar para o *desideratum* commum: a conquista de Lisboa.

E' intuitivo que estorvando ou retardando o movimento de Soult, se prejudicariam estas combinações, fazendo periclitar o exito final da campanha por parte dos francezes, porque se ganhava tempo não só para a reorganisação do exercito portuguez sob a direcção de Beresford, mas ainda para a preparação da defeza de Lisboa, onde se esperava a todo o momento o desembarque de reforços inglezes.

Bernardim Freire, pela habil e cuidadosa defeza da linha do Minho, obrigou Soult a mudar a sua linha de operações, o que coagiu o exercito francez a um longo desvio por paiz hostil, cortado de difficuldades de toda a especie, onde as forças de la Romana e de Silveira estorvaram ainda a rapidez do seu avanço.

Bernardim Freire, organisando a resistencia em Ruivães, Salamonde e Carvalho d'Este, conseguiu retardar de 40 dias, proxima-mente, a manobra de Soult sobre o Porto, e, porventura, livrar o paiz de cahir sob o poder dos exercitos francezes que Napoleão destinava á sua conquista.

Reconhecida a inefficaz cooperação das forças hespanholas de la Romana e abortada a insurreição da Galliza, que deixou livre a pas-

bosa, que, fugindo deante do inimigo, tingiram as mãos em sangue illustre e innocente.

E eis como as paixões desordenadas d'essa turba fanatica, desvairada por pregações sanguinarias, sacrificariam o unico homem que, n'aquelle historico momento, podia ter defendido efficazmente o Porto e salvado, porventura, o paiz.

ADRIANO BEÇA.

Maj. d'inf.

(Da Revista militar.)



Politica internacional



ocupámo-nos na revista anterior da importancia excepcional da revolução turca e das provaveis consequencias, que ella terá para a regeneração do imperio. Trataremos hoje de outro aspecto d'esse movimento — o internacional. E' talvez n'esta direcção que os primeiros effeitos da revolução "joven-turca", se vão fazer sentir e que a sua repercussão tem de ser mais intensa.

Sob o ponto de vista da politica internacional temos que distinguir dois grupos de estados que directamente vão ser affectados pelos successos de Monastir e Constantinopla, — as nações balticas, e as chamadas "grandes potencias". Vejamos a situação de cada um d'estes grupos em face dos factos consummados no imperio ottomano.

Comecemos pelo primeiro grupo, que para a hypothese actual se compõe apenas da Servia, da Bulgaria e da Grecia, visto que os interesses da Romania são na questão de que se trata menos imperativos.

Conforme é sabido, as nações balticas actuaes, constituídas em diversas épocas á custa da Turquia, consideram-se sem excepção de uma só em situação provisoria, que assim se conservará até á partilha final da herança do "doente do Bosphoro", que deve engrandecer territorialmente cada uma d'ellas, dando lhes as fronteiras naturaes a que aspiram. De modo que a melhor esperança d'este desfecho residia principalmente no enfraquecimento lento mas successivo do imperio turco sob o regimen de Yildiz-Kiosk. Quanto mais corrupta fosse a administração ottomana, quanto maiores fossem as humilhações recebidas pela Porta, quanto mais desesperado fosse o estado das finanças do Padishah tanto maiores eram as probabilidades de um rapido desenlace e portanto de se chegar á solução appetecida.

N'estes termos uma revolução, como a actual, que se propõe nada menos do que regenerar o imperio turco, fazendo-o entrar na corrente da civilização moderna, não pode deixar de ser mal vista pelos herdeiros eventuaes do sultão, que já estavam antegostando as delicias e as vantagens da partilha. E' a perspectiva do proximo engrandecimento, que repentinamente se esvae! . . .

Mas se em qualquer occasião todo o movimento, que tenda a regenerar o imperio turco, é um travão ás ambições dos estados balticos, no momento actual, em que a questão da Macedonia tinha chegado ao seu estado agudo, a revolução "joven turca", com o vasto programma de reformas, que lhe serve de bandeira, foi um verdadeiro desapontamento para os e tados mais directamente interessados na questão. A Servia, e sobretudo a Bulgaria e a Grecia, julgam-se com direito a reivindicar a soberania d'esta desgraçada provincia, invocando cada uma pelo seu lado a preponderancia n'ella do respectivo elemento nacional. Assim os servios sustentam que nos tres viloyets macedonios a maioria da população é servia, os bulgaros que é bulgara, e os gregos que é hellenica. Para sustentar as correspondentes pretensões cada um dos tres paizes mencionados fundou no territorio cobçado o maior numero de escolas que ponde, não com o fim apenas de espalhar a instrucção mas sobretudo com intuitos de propaganda politica, convertendo assim cada aula n'um centro, onde abertamente se pregava a guerra contra as outras nacionalidades. E com effeito a guerra civil com os seus horrores foi a consequencia d'estas rivalidades escolares. Cada uma das tres nações, embora não oficialmente mas a occultas por meio dos seus emissarios secretos, organisou os celebres "bandos", que tanto tem dado que fallar de si, e que á sua conta são responsaveis por todo o sangue derramado e por todas as ruinas amontoadas na região macedonica. Era de vêr que este estado de cousas não podia prolongar-se e que a perda de mais



Tavira. — Igreja da Graça

sagem de Soult para Chaves, Bernardim Freire viu que o unico alvitre accetavel, a unica solução verdadeiramente util para a defeza do Norte do paiz, estava em concentrar todas as suas forças no Porto, onde deveria ferir-se a derradeira batalha.

N'esta ordem de idéas ordenou ao barão Ebben que retrocedesse da Galliza e ao brigadeiro Victoria que occupasse Amarante, ponto estrategico de subida importancia.

Adoptando estas judiciosas providencias, conformava-se Bernardim Freire com as instrucções recebidas, que lhe prescreviam ter sempre em vista, *cobrir e defender a cidade do Porto*.

Mas já a este tempo a indisciplina e a desordem campeavam in-frenes na cidade dos arcebispos, onde clamava vingança contra os pretensos traidores.

O estado de Braga tornou-se verdadeiramente anarchico.

Exigiu-se, como holocausto sangrento no altar das vindictas publicas, a morte do benemerito general.

Elle que havia detido e obrigado o inimigo a descrever um longo circuito por brenhas e penedias abruptas, onde poderia ter sido esmagado se o Marquez de la Romana cooperasse efficazmente com os portuguezes, secundando-lhes os valorosos esforços, elle que ia congregar no Porto todos os elementos de resistencia para se ferir ali uma acção, porventura gloriosa para as armas portuguezas, foi cruelmente victimado por esse bando' indisciplinado das milicias de Te-

minaram "grandes", por terem fortes exercitos e imponentes esquadras, acceitaram com enthusiasmo os factos consummados na Turquia, porque elles correspondem á orientação liberal e democratica d'esses dois estados. Além d'isso nem um nem outro estão interessados no esphacelamento do imperio ottomano, tendo ambos pelo contrario tudo a esperar da regeneração de uma raça dotada de tão altas qualidades e que tanto póde contribuir para a civilização do oriente da Europa. Uma Turquia enfraquecida, desorganizada, corroída pela lepra do despotismo só podia convir aos vizinhos ambiciosos, que sob a mascara de lhe tutelarem os interesses cada vez lhe estavam a apressar mais a decadencia e o desenlace final. Para o resto da Europa uma Turquia revivificada pelo aradio da revolução é a melhor garantia de paz e de progresso. Com uma Turquia assim desaparecem todos os perigos d'essa malfadada "questão do Oriente", que durante umas poucas de gerações teve a Europa constantemente em sobresalto. Ainda que da revolução de Monastir não viesse outro ganho, este só por si é immenso e merece que nós inscrevamos em lettras de ouro o nome dos heroes da revolução "joven turca".

CONSIGLIERI PEDROSO.



A quinze dias de vista...

Letras que não obrigam a protesto

LIII

O centenário da guerra peninsular. O que elle foi e o que devia ser. Erros de uns e maldade de outros. Boatos pavorosos e absurdos que lograram o intento de quem os propalou. Deus escreve direito por linhas tortas. — Os srs. moços de fretes na ordem do dia. O espectro da limpeza a terra estes benemeritos. Protestos. Quem são os protestantes. A provavel solução do caso.

O centenário da guerra peninsular se não foi uma verdadeira festa nacional porque, mercê de Deus e de alguns homens, de principio as coisas não foram encaminhadas para isso, não deixou de ser

uma bella apothese do feito heroico que se commemorava. E' certo que só o elemento militar tomou parte, officialmente, na commemoração d'esse facto brilhantissimo da historia patria, que o povo promoveu e levou a cabo com o concurso de um exercito desmantelado e desprovido de tudo quanto se julga necessario em época de paz pode, mormente quando se trata de expulsar o estrangeiro intruso. Contudo, o povo accudiu em massa ao local destinado á festa militar que foi a parada de 15 de setembro e se o seu enthusiasmo não foi ao rubro, pela ausencia da educação civica tantas vezes provada, temos que levar em linha de conta que ninguem lá o chamou, antes alguém se esbofou a desvial-o d'essa romagem por capciosos motivos de ordem politica.

Effectivamente, as entidades a quem cumpria chamar o povo a tomar parte n'aquella festa em que elle, antes de qualquer entidade, devia ser glorificada, não cumpriram o seu dever. Mas peor acção — se por má acção podemos tomar a errada comprehensão de um dever — foi a de aquelles que exercendo um certo poder de suggestão sobre a massa popular, a desorientaram completamente, fazendo-lhe acreditar pavorosos carapetões, boatos absurdos de tentativas revolucionarias á mão armada por parte de frades, freiras e não sabemos se, tambem, de sachristães e meninos de côro. Porque a verdade é que tocou as raias do ridiculo o que para ahí se inventou em materia de pavores: exercicios de tiro ao alvo em conventos e collegios de jesuitas, conciliabulos a horas mortas entre conjurados de capa, espada, chapéu alto emplumado, esporas tilintantes, por um lado, e de habitos negros, volta e solideo pelo outro; caixotes com milhares de armas de todas as especies e feitios; signaes de holophote de coio para coio; padres disfarçados de mulher nos electricos de Bemfica, tudo quanto uma desvairada imaginação de inventor de coisas rocambolescas pode produzir para satisfação da curiosidade morbida da massa ignorante e para tristeza de quem, um pouco acima das miserias questiunculas politicas, vê os cordelinhos d'estas desastradas farças que a ninguem aproveitam e só servem para desacreditar, mais e mais, a tresloucada politiquice de ambições insoffridas e vaidades irritantes que tantas horas de infortunio e provação — que a todos tocam — deviam ter acabado se a isso se não oppuzesse a triste sina que a todos nos persegue, innocentes e culpados...

Comquanto fosse evidente, para quem a sangue-frio leu esse romance-folhetim da *intentiona* reaccionaria marcada impreterivelmente para o dia 15, a intenção pouco generosa de afastar a população de uma festa, ainda mesmo como simples espectadora, para desprover do seu maximo brilho a primeira approximação de El-Rei o Senhor D. Manuel do povo, o certo é, desgraçadamente, que o panico se apossou de muito espirito fraco e que, o que é mais singular, muito espirito dos chamados fortes acreditou que *alguma coisa ha-*

RIO DE JANEIRO MODERNO



«O Paiz» e o Club de Engenharia



Amelio de Barros

Collocou-o em foco a sua recente conferencia na Sociedade Propaganda de Portugal acerca da constituição de uma companhia portuguesa de navegação para o norte e sul do Brasil.

N'uma linguagem simples mas clara, demonstrando a necessidade urgente de uma tal empresa e os beneficios que d'ahi resultariam para as duas nações, o sr. Amelio de Barros, soube captivar e convencer o seu auditorio, e, ao mesmo tempo que evidenciava a sua erudição e conhecimentos acerca do assumpto, patenteou tambem o seu sincero desejo de servir a sua patria pelo unico caminho hoje viavel — o trabalho.

via. . . As más intenções dos propaladores de boatos tão absurdos como perversos ganharam terreno. Como diz o povo — as bichas pegaram. E o natural resultado d'esta cabala foi a ausencia de uma parte da população de Lisboa á grande festa nacional que a todos deveria commover.

No entanto — Deus escreve direito por linhas tortas! — nem por isso a commemoração do grande feito que teve o seu desfecho em 15 de setembro de 1808 na sahida, barra fora, dos invasores, deixou de revestir o caracter de uma extraordinaria solemnidade. A concorrência de povo foi ainda assim enorme e as significativas e carinhosissimas homenagens prestadas ao Soberano alienaram absolutamente as pouco generosas intenções de uma politica facciosa que não exita em sacrificar o interesse commum á conveniencia de um estreito espirito sectarista.

Durante oito dias, o grande acontecimento da capital que alimentou conversações e deu assumpto á imprensa jornalística n'esta esteril quadra estival, foi o caso de um uniforme para os moços de fretes, que estes, no uso de um pretenso direito que ninguem lhes quer contestar mas com manifesto mau gosto e desprezo pelas mais rudimentares regras de hygiene, que hostilisa, recusaram indignadamente em nome dos immortaes principios e a dentro da sua proverbial crosta de immundicie.

Eu não acompanhei a questão desde o seu inicio. Dei por ella quando a gritaria dos interessados (?) passou as marcas de uma simples serrabulhada de populacho bulhento para se dar ares e tomar fóros de reivindicações de direitos individuaes. E então perguntei ao primeiro que passava de que se tratava e vim a saber que o horriavel caso se resumia n'isto: uma Associação que tomou a seu cargo a ingloria tarefa de promover todo o bem possivel a esta inditosa terra, lembrou a quem de direito a conveniencia de indicar uma fappella pobre mas decentissima aos senhores moços de fretes da capital, que pertencem ao numero dos mais felizes cidadãos portuguezes, ainda mesmo aquelles que são... gallegos, tal é a odiosa maneira porque suas excellencias exercem o seu mister, esfolando o desgraçado que lhe cae nas pouco limpas mãos, por precisar de um barril de agua ou carecer que alguém lhe vá comprar um maço de cigarros. Porque a tabella para a solução regular — e quantas vezes irregular — d'estes dois problemas é de tres vintens, quando é certo que a agua n'esta terra é gratuita para os mariolões que d'ella não fazem uso e custa os olhos da cara aos patetas que a esbanjam na extravagancia de se lavarem, e que um vulgar macinho de dez maus cigarros custa meio tostão.

A industria dos moços de fretes é, entre nós, a mais livre de peias e uma das mais lucrativas. Sem empate de capital, sem pagamentos de rendas e de contribuições de nenhuma especie, sem risco de vida ou propriedade, o moço de fretes, que em regra passa a vida de costas direitas, entregando cartas ou fazendo recados, ganha muito bom dinheiro. E a prova está patente aqui a dois passos de nós, na Gal-

liza, d'onde são oriundos quasi todos esses marmanjos e que para lá voltam antes que a velhice os assalte, com algumas leiras de terra compradas com o dinheiro que nos ganharam — vá lá, ganharam! — e rindo-se da nossa proverbial pacovice.

E' conhecida a chalaça d'aquelle gallego que escrevia á familia exhortando os parentes á virem até cá: «Portugal é tão boa terra, que a agua é dos portuguezes e a gente vende-lh'a!»

Pois bem. São estes senhores que levantam a grimpa e barafustam insolitamente porque alguém teve a petulancia de lhes querer metter á cara um vestuario limpo que, segundo se veiu a verificar, custa a estupenda quantia de dezeseite tostões — menos do que muitos d'elles ganham diariamente.

A' hora a que escrevo ainda elles reclamam e muito boa gente lhes acha razão. Eu já li que esta imposição do uniforme aos «pobres moços era um acto revoltante de politica moscovita.»

Não sei, não sei... Mas parece-me que se está carecendo de quem faça regularmente fretes na imprensa...

Emfim, veremos no que isto dá. No entanto conjecturo que pouco viverá quem não vir os srs. moços de fretes victoriosos, coçando-se por todos os lados e dando vivas á liberdade da immundicie individual.

A época é de reivindicações e, verdade, verdade, eu não vejo razão para impedir que uns sejam porcos quando se garante a outros o direito de serem tolos.

E de mais não será o parco canhenho d'esta quinzena, a mais pobre de quantas tenho atravessado.

CAMARA LIMA.

Os leques japonezes

Todos nós admiramos os caprichosos desenhos e as delicadas côres dos leques japonezes; mas poucos sabem que cada um d'elles tem a sua historia e a sua significação especial.

Os rios e as montanhas pintados n'esses leques representam paisagens authenticas; as figuras são personagens historicas, ou typos da poesia japoneza. A montanha caracteristica de quasi todos é o Frusiyama, monte sagrado do Japão.

As flores e os animaes teem sempre o seu symbolismo. Um bando de cegonhas, voando, por exemplo, indica desejos de felicidade e de longa vida para a pessoa a quem o leque se offerece; e em troca, uma teia de aranha significa tristeza ou luto.

Todos os acontecimentos politicos do Japão teem sido pintados em leques, e em certos casos as auctoridades teem apprehendido alguns leques cujos desenhos se podiam considerar como sediciosos.

Em resumo: se se pudesse juntar uma serie completa de leques japonezes, antigos e modernos, por ordem chronologica, ter-se-hia o mais interessante documento para a historia do Japão.

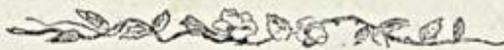
Bibliographia

No tempo dos francezes, por Francisco da Fonseca Benevides.

Recebemos a 3.ª edição d'este romance em que a parte historica é importantissima e conscienciosamente tratada.

Tres edições do mesmo livro n'um meio litterario como o nosso constituem um titulo de recommendação superior a todos os elogios.

Quanto á oportunidade não podia ser maior, agora que se celebra o primeiro centenario da guerra da peninsula.



Carro para pomeys, restaurado ultimamente na casa Almeida Navarro e offerecido ao primeiro Duque de Lafões; ha 114 annos, pelo rei de Inglaterra. Este carro pertence actualmente ao ex.^{mo} sr. D. Caetano de Bragança.

Exposição Nacional do Brasil

Damos hoje a gravura de dois postaes brasileiros commemorativos da Exposição Nacional do Brasil. Um d'elles representa uma captivante gentileza da parte do governo da grande republica americana, como os nossos leitores poderão verificar, dando-se ao trabalho de o analysar.

N'elle se veem os retratos do fallecido rei D. Carlos e do actual presidente da Republica, as bandeiras portugueza e brasileira, os

Exposição Nacional do Brasil



Bilhete Postal commemorativo

escudos das duas nações irmãs, e duas figuras representando uma o velho Portugal e a outra a juvenil republica.

São provas de deferencia gratissimas ao nosso coração de portuguezes.

A proposito transcrevemos tambem alguns versos d'uma saudação dedicada pelo sr. Paulino de Brito aos tripulantes do cruzador Rainha Dona Amelia.

Lusos nautas gentis, representantes
d'essa illustre marinha veterana,
que o pavez dos lendarios almirantes
levava a ignotas regiões distantes,
ampliando o scenario á historia humana!
Ao transpor este mar, que tantas vezes
ovantes retalharam vossas prôas,
tereis ouvido as ondas no costado
cantando antigas lôas
gratas de ouvir a ouvidos portuguezes.

Entre os vossos estaes: fraternos braços
ao seio vos apertam;
n'esses rostos que olhaes — os mesmos traços...
n'essas falas que ouvis — o mesmo accento...
Scenas, vozes, paineis, o sentimento
das nativas paragens vos despertam.
Ha, em cada semblante prasenteiro,
o tom familiar;
algo de novo, nada de estrangeiro.
Em torno, tudo vos recorda o lar
tanto, e tão bem, que ao regressardes, quando
apartados de nós por leguas mil,
julgareis de Lisboa a barra entrando
que tambem não sahistes do Brasil.

Como dois campeões da Média Edade,
filho e pae — um na flor da mocidade,
outro da vida ainda no vigor,
multidão de inimigos enfrentando,
na mesma fila a batalhar sanhudos,
alas rompendo, retalhando escudos,
em altas gentilezas de valor;
e da refrega em meio contemplando
com gloria o filho ao pae, o pae ao filho
— ambos eguaes no sangue, ambos no brilho —
Portugal e Brasil — eis o futuro
da nossa raça... a gigantesca empreza!
Não duvidemos, não! Quanta surpresa
se esconde ainda no horizonte escuro!...

Não seja tão sómente o monumento
da lusa gloria a obra dos avós:
gravou Camões o antigo testamento;
o novo, um dia escreveremos nós.

«O velho Portugal»... Velho porque?!
Mil annos são de um povo a juventude;
é velha uma nação quando a virtude
perdeu... é velha quando já não crê.
Mas de crença e virtude o teu thesouro
guardas no coração:
sacode a neve de sinistro agouro
que encobre esse vulcão!

Deu-te Deus um pequeno paraizo
(não pudera ser grande, sendo assim)
deu-me a mim, ao Brasil, mais que preciso,
domínios de extensão quasi sem fim;
ambos se desentranham em riqueza:
são elles o que a mão da natureza
de melhor e mais bello produzio...
Ninguem possui no muudo o que nós temos,
não nos falta o vigor: arroteemos
o immenso senhorio.

Vamos, canta o passado refulgente!
Quero estuar de generoso ardor!
Do futuro ridente
mostrar-te-ei o esplendor!

Vês um clarão? Não é a luz do dia...
(é noite) mas no fundo da bahia
uma cidade em chamas a luzir!
Maravilha... visão... deslumbramento!
E' do trabalho a festa, o monumento,
a imagem do porvir.

A imagem do porvir que nos aguarda,
alto, excelso, immortal.
Nosso posto de honra é na vanguarda:
Sus, ó Brasil! Avante, Portugal!

Paulino de Brito.

Exposição Nacional do Brasil



Bilhete postal commemorativo

Duas papoulas

Era a primeira que apparecia nos trigaes este anno, a primeira que ostentava as suas folhas rubras entre as fartas espigas verdes que um claro sol de maio começava apenas de levemente alourar.

Era uma papoula muito vermelha que se abriu espontaneamente com o primeiro raio branco da madrugada e graciosa se balouçava agora ao sopro do meio dia que imprimia uma constante ondulação ao campo inteiro de espigas. As suas côres vistosas punham uma nota estridente nas extensas campinas ainda monotonamente enfeitadas com o desmaiado colorido dos trigos e milharaes novos.

Uma torrente de luz escorria das mãos de Deus, sobre o cume dos montes e collinas, e d'ahi resvalava como chuva de joias ricas sobre os campos bemditos; os ralos cantavam ao desafio nas terras humidas e quentes; bandos de pardaes trigueiros em alta gritaria, esvoaçavam soffregamente por entre as searas de pão pouco maduro; ouvia-se o chocalho fino das ovelhas; a voz inquieta dos cães; o gallo pensativo e grave respondendo ao gallo que o interroga longinquo; o ruido dos grossos sapatos do jornaleiro pisando o cascalho duro da estrada, e de quando em quando, rasgando a limpidez do ar azul, o guincho agudo do comboio de Lisboa, que surge ao longe muito pequeno e negro entre a fita azul do Tejo e a faixa verde das varzias cultivadas, e se vae encolher rasteirinho á porta da Estação sob a copa alta de tres ou quatro poeirentos eucalyptus.

E em roda da flor vermelha se estende a tarde de maio; um sol muito claro, um céu muito azul, uns casaes muito brancos que adormecem a sêsta n'um grande recolhimento á sombra das figueiras, debaixo das densas ramadas de parra nova, e muitos malmequeres amarellos que juncavam a herva...

E a outra, a outra papoula?
A outra papoula, quereis saber qual é? — simplesmente um rapazinho, que abriu pela primeira vez os grandes olhos no casal, ha-



Era um perfeito camponez o rapasinho!

luz e claridades imprevistas sob a franja azul ou escarlate do tradicional barrete do Ribatejo, havia n'aquella creança um não sei quê de indizivelmente viçoso e fresco que era bom de ver.

Trazia continuamente nos labios um sorriso que lhe brotava inconsciente da alma radiosa, e muitas vezes ouvindo as perdizes a



... uns casaes muito brancos adormecem a sêsta á sombra das figueiras...

veria uns cinco annos, por uma tepida manhã de primavera como esta, ao mesmo tempo que o quintal se cobria de cravos e que abriam no pomar as flores côr de rosa do pecegueiro.

Não é uma flor rustica a creança do campo que nasce com ellas, que vive com ellas, e aí! que muitas vezes se desfolha com ellas?

Cinco annos! que existencia de adoravel singeleza se encerra n'este curto espaço de tempo; cinco annos, quer dizer manhãs, tardes e noites de um sonho encantado.

Era um perfeito camponez o rapazinho!

Descalço, pernas nuas, mal envolvido nas suas roupas leves e remendadas, as mãosinhas muitas vezes roxas de frio, empunhando o inseparavel companheiro, o cajado lustroso de marmelo ou amendoeira; a carita muito redonda, vermelha e sadia como uma dâs succulentas maçãs reinetas da horta; os olhos muitos negros irradiando

cantar nos vinhedos baixos e os melros assobiar nas sebes floridas, espreitava-os a rir, e atirando para o hombro o seu querido pau de marmeleiro punha-se a cantar como elles.

E porque não havia de rir, e porque não havia de cantar, se nem uma sombra annuvara ainda, ao de leve sequer, o horizonte clarissimo das suas cinco primaveras? Pois se os passaros cantam, as creanças ignoram que nada ha de duradouro n'este mundo, porque não havia de cantar?

O' ditosa ignorancia quem vos não invejará!
Deixal-o cantar...

Acordara n'esse dia excepcionalmente ruidoso e vivo; as suas vibrantes gargalhadas cortavam a cada momento o ar macio, pondo em



Trazia continuamente um sorriso...

sobresalto continuo, os bandos de pardaes no trigo verde. Em breve julgara curtos os limites habituaes dos seus passeios e uma vez transposto o portal de ferro da quinta, dera largas á sua actividade.

Saltara as sebes coroadas de espinheiro bravo, comera ás mãos cheias as amoras pretas das silvas, deitara-se de bruços no chão, para observar attento e curioso a forma trabalhosa de um formigueiro que esmagara sem querer com o pequeno pé trigueiro; dera com um ninho de picanços no cannival da beira do regato, e finalmente parara e batera palmas de alegria ao descobrir a flor rubra, a linda papoula que ha muitos mezes tanta falta lhe fazia para compôr os grandes ramos, esses feixes floridos que costumava levar para casa nas tardes de verão para pôr nas jarras da commoda em cima do panninho de *crochet*, ao lado dos vasos de mangerico cheirosos.

E as duas flores do campo, as duas frescas papoulas, contemplaram-se extasiadas, movendo-se uma na outra...

E em roda d'ellas se estendia a tarde de maio; o céu era muito azul; o sol muito claro; os casaes dormiam ao longe á sombra das ramadas e muitos malmequeres sorriam pela herva...

Senhor, que ha de duradouro n'este mundo!...

Um poço rustico, meio arruinado, coberto de avencas e plantas silvestres fornecia agua para as regas do estio nos annos de maior seccura. De ha muito não fóra usado, e do madeiramento meio pôdre e comido pelo arvoredado, pendiam, de um lado um pedaço de corda ennegrecida e roida pelas chuvas de inverno, do outro emborcado na herva humida, o balde de madeira tosca, já muito esburacado tambem.

Que idéa fatal acudiu á cabecinha do pequeno, que despregando os olhos da flor, os pouca distrahido nos rebordos musgosos do poço? Talvez, imitando o que vira já fazer de verão pelos ardores de agosto, dar agua fresca a beber, á sua linda papoula que tinha muita sede, talvez.

E confiado, lançou a mãosinha firme á corda traiçoeira e.. cahira.

Ouviu-se o marulhar repentino da agua estagnada, contra as paredes frias do poço, um grito agudissimo de creança rompe o fino silencio do ar, e mais nada. A paz radiante dos campos não é mais perturbada. Os pardaes continuam a piar na fartura das varas e vem a chiar pela azinhaga um carro carregado de matto...

Quando, mais tarde, a gente do casal em busca da creança, deu com o corpo pequenino no fundo do poço velho, foi inerte e regelado que a fateixa o arrancou ao leito de limos e o colheu nos braços de ferro; e quando a mãe enlouquecida o aconchegava no collo, tentando aquecer nas suas mãosinhas insensiveis, uma golfada de agua verde e lodosa assumiu aos labios pallidos e correu em dois fios sinistros pelos cantos da bocca entreaberta...

Na bocca entreaberta, ficara-lhe ainda o antigo riso, mas repassado de angustia.

E á beira da seara de trigo verde, pende a haste partida, de uma flor; uma rajada mais aspera do vento norte sacudira brutalmente a papoula, e arrastara para longe amarrotadas e mortas as frescas folhas escarlates.



Um poço rustico coberto de avencas...

Em roda se estende a doce tarde de maio; o céu muito azul; o sol muito claro; os casaes sonhando ao longe, á sombra das figueiras, sob a paz das ramadas, e muitos malmequeres amarellos a riem pela relva.

Villa Franca de Xira.



João Pedro de Sousa

Presidente do conselho de administração da Companhia Nacional de Moagem